

Lívio Barreto

Pedro Paulo Montenegro

O Ceará nas três últimas décadas do século passado rasgou um panorama de verdadeira efervescência filosófica e literária. Um verdadeiro salto no tempo e no espaço geográfico foi descrito por valores cada dia mais reconhecidos que vieram a formar três ondas sucessivas apontadas por Tristão de Athayde, no quarto volume de seus "Estudos" como três movimentos diversos: "O movimento "filosófico" de 1870, com Capistrano de Abreu, Rocha Lima, Araripe Júnior, João Lopes, Thomas Pompeu; o movimento "político", de 1880, em torno do qual se fez todo o jornal "Liberador" e a revista "A Quinzena", e finalmente, o Movimento Literário de 1890, com a fundação da Padaria Espiritual e do seu órgão "O Pão", pela geração de Farias Brito, Antônio Sales, Adolfo Caminha, Oliveira Paiva e outros."

É neste último grupo que vamos encontrar Lívio Barreto, com o nome de guerra de Lucas Bizarro, incontestavelmente o maior simbolista cearense.

Escreve Sílvio Romero, em suas obra "Provocações e Debates (Liv. Chardon, Porto, 1910, pág. 359): "Por volta de 1870, um novo período vai se abrir na história do pensamento brasileiro. É então que novos matizes de idéias, originados na filosofia dos séculos XVII e XVIII, começam a impregnar a vida intelectual brasileira. O positivismo, o naturalismo, o evolucionismo, enfim, todas as modalidades do pensamento europeu do século XIX, vão se exprimir agora no pensamento nacional e determinar um notável progresso de espírito crítico". Foi o que o historiador de nossa literatura ousou chamar de Escola do Recife, contestado, porém, pelo agudo estudioso de nossas letras, o crítico Afrânio Coutinho, em seu trabalho "Euclides, Capistrano e Araripe (MEC, Serv. de Documentação, Rio 1959, pág. 54), onde conclui: "Uma

escola implica a construção original de um sistema homogêneo, um corpo de doutrinas próprias, por ela criadas, e não a aceitação passiva de teorias vindas, de fora, como é o caso do Recife, cujas idéias “renovadoras” eram as mesmas em toda parte.”

Fortaleza não fugira à regra geral e, ao lado de Recife, era outra janela aberta por onde penetrava o influxo filosófico-literário europeu. Afirma José Aurélio Saraiva Câmara em seu “Capistrano de Abreu”: “A capital cearense, ao iniciar-se a década de 70 já reunia, malgrado sua pequenez urbana e demográfica, condições propícias à atividade intelectual”. E pergunta: “Que cidade de 20 mil habitantes editava 6 jornais, dos quais 4 diárias, e dispunha de 6 colégios, 7 tipografias, vários comerciantes de livros e uma Biblioteca Pública onde se enfileiravam perto de 6000 volumes?” (Livraria José Olympio Editora, Rio, 1969, pág. 54).

Foi esse o clima propício para as associações e grêmios literários, que proliferaram nas três décadas e através de cuja produção podemos aquilatar o vigor da evolução das letras cearenses.

Foi primeiro, a Academia Francesa do Ceará, fundada em 1870. Foi o “Gabinete Cearense de Leitura”, instalado a 2 de dezembro de 1875. O “Clube Literário”, de 15 de novembro de 1886. A “Padaria Espiritual”, do dia 30 de maio de 1892. Finalmente, a “Academia Cearense”, cuja fundação tem data memorável de 15 de agosto de 1894.

À Padaria Espiritual estava ligado, desde a primeira hora, o nome de Lívio Barreto, cujo livro “Dolentes”, publicado depois da morte do poeta, precisamente em 1897, graças ao zelo de Valdemiro Cavalcanti, representa a melhor obra simbolista do Ceará e é uma demonstração cabal da atualização do movimento simbolista em nossa terra que se expandia muito mais por influxo da França, através de Portugal, do que propriamente por repercussão do movimento no sul do Brasil.

Cruz e Sousa publicava **Missal e Broquéis**, considerados pelos historiadores como livros-marco do Simbolismo do Brasil em 1893. Já em 92 encontramos poemas de perfeitas conotações simbo-

listas assinados por Lívio Barreto. A explicação, dá-nos Adolfo Caminha em suas “Cartas Literárias”: “O Só” (de Antônio Nobre) era nossa bíblia, o nosso encanto, o nosso livro amado.” (Rio, 1895, pág. 163). Simbolistas foram ainda os “padeiros” Lopes Filho com seu “Phantos”, Tibúrcio de Freitas e Cabral de Alencar.

Por isso, em “Nota editorial” à obra completa de Cruz e Sousa, de Aguilar, explicara Afrânio Coutinho: “No Brasil os ideais “decadistas” já desde 1887 se haviam feito sentir. Mas foi em 1891, no jornal Fôlha Popular, que um grupo, constituído de B. Lopes, Oscar Rosas, Cruz e Sousa, Emiliano Pernetta, lançou o primeiro manifesto renovador. Em 1892, no Ceará, uma sociedade literária, a “Padaria Espiritual”, era fundada sob a mesma inspiração, e, em 1893, Cruz e Sousa inaugurava a nova escola com os livros **Missal e Broquéis**. (Pág. 11).

A quem quer que, dotado de alguma sensibilidade crítica, leia com isenção de ânimo a obra poética de Lívio Barreto, impressiona a intenção máxima, que assistiu ao jovem poeta, falecido aos vinte e cinco anos de idade, de comunicar uma peculiar intensidade, nada familiar aos poemas festivos de muitos românticos. Pode-se mesmo dizer que a *intensidade no sentir* é a nota máxima e constante de sua poesia:

“Arte do verso, prenhe de luares,
De sóis fecundos, de pujantes messes,
Amplio seio de prantos e de preces
De amarguras, de risos, de pezares.”

É de seu poema *Credencial*, pórtico, aliás, de seu livro.

E em todas as produções, exceção feita a raras concessões de ordem romântica, escusadas frente à insinuação forte da escola e a falta de preparo e amadurecimento do jovem poeta, observamos que para ser leal a seu propósito de intensidade poética, deixa de lado traços familiares da poesia tradicional e rompe a perfeição formal dos parnasianos. É o que explica e torna significativo valioso o uso de freqüentes suarabáctis, de rimas toantes, de sinéreses.

Se seu mundo social, de humilde caixeiro e guarda-livros no interior do Ceará, é um mundo estreito, é inegavelmente rica a sua cosmovisão simbolista, pois não se pode impor limites ao invisível. Sua contemplação de Arte (sempre com A maiúsculo) é através da Dor (também com inicial maiúscula); Dor para ele incomensurável.

“Arte! ideal, oh sacrossanto viático!
O’Arte – Mater de consolações!
Com seus sonhos e amores e ilusões
Fiz-te um missal de Dor! – Sou teu fanático.”

Era uma poesia atraente e sincera. Não se permitia descida a uma fria retórica ou a uma vulgar moralidade. Nenhum apelo à multidão, nenhuma intenção de servir a outro fim senão à Poesia identificada com a beleza:

“Meus ideais, meus sonhos, meus
Castelos alvos, de escumilha,
Caíram todos... e onde Deus
Um mundo pôs, acho uma ilha.”

E adiante, no mesmo poema “Dolentes”:

“Chega-me branda e triste a voz
Longínqua e triste da Poesia.”

Para o poeta o que importava era a aura, o ar de uma coisa, não a própria coisa. Por essa abstração, consegue, usando muito mais a metáfora do que os limites ou comparações, atingir, no seu próprio dizer:

“A alma das coisas insensíveis.”

Consegue ainda – e o faz admiravelmente – demonstrar que a poesia universal e abstrata pode ser, ao mesmo tempo, decorativa e pessoal, quando logra encravar suas ânsias e preocupações próprias nos conceitos ideais. É modelo sua “Romaria dos Sonhos”, onde se lê:

“Debalde a Dor reclama-te, não cais!
E vais subindo às plagas gloriosas,
Te vestindo de coisas ideais
Lírios, jasmims, angélicas e rosas.”

Seus temas prediletos: A religião da Arte (L'Arts c'est ma religion, diria Proust), Desilusão terrena e Consolo da poesia, Sonho *versus* Dor, Ausência *versus* presença desejada, O cansaço da desilusão.

E como bom simbolista, desprecienda não pode ser a máxima atenção que prestou ao elemento musical em sua poesia, significativamente provocando o menos avisado leitor com as inúmeras conotações de palavras como: música, som, ouvir, mudez, choro, voz, sonante, etc..., como se não bastassem as próprias assonâncias e aliteraões e um suave ritmo do verso cantante.

Lívio Barreto, nascido em Granja (CE) a 18 de fevereiro de 1870 e falecido a 29 de setembro de 1895, em Camocim (CE), deixou-nos um único livro, *Dolentes*, publicado postumamente.

Neste ano, centenário de sua morte, uma releitura calma e sentida de seu livro.